

## DESDE QUE PARTI: DAS ILHAS AOS ABISMOS E HORIZONTES

### *SINCE I LEFT: FROM ISLANDS TO ABYSSES AND HORIZONS*

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues / UFG

#### **RESUMO**

Neste artigo, apresento o livro de artista *Since I Left* e o contexto autobiogeográfico no qual foi criado. Reflito sobre questões relacionadas às noções de origem, pertencimento e identidade nacional que emergiram dos processos de criação. Com base no termo *art-making*, cunho a expressão *writing-making* para reivindicar um lugar de 'feitura' do texto nesta pesquisa. O livro nasce, então, de uma prática artística autoficcional que relaciona imagem, palavra e lugar em meio às derivas que empreendi como processo de escrita.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Livro de Artista; Autobiografia; Autobiogeografia; Autoficção; Hy-Brazil.

#### **ABSTRACT**

*In this article, I present the artist's book *Since I Left* and the autobiogeographic context in which it was created. I reflect upon issues related to the notions of origin, belonging, and national identity that have emerged from the processes of creation. Informed by the term *art-making*, I have coined the expression *writing-making* to claim a place for 'making' the text in this research. Thus, the book is born from an autofictional art practice that relates image, word, and place during the walks I took as a writing process.*

#### **KEYWORDS**

*Artists' Book; Autobiography; Autobiogeography; Autofiction; Hy-Brazil.*

## **Ponto de partida**

O livro de artista *Since I Left* foi concebido durante o workshop *Vignettes & Verses*<sup>1</sup> ocorrido em Cork e Glengarriff, na Irlanda, entre 14 e 22 de junho de 2014. Na ocasião, dediquei-me a atividades de leitura, escrita, fotografia e caminhada junto a um grupo de mulheres norte-americanas que partiram dos Estados Unidos para escrever sobre suas conexões ancestrais com o país europeu onde estávamos. Neste artigo, discorro sobre o contexto da criação dessa publicação e reflito sobre as perguntas que emergiram dos processos de sua produção, dando especial atenção a questões menos confortáveis ligadas às noções de origem, identidade nacional e pertencimento. Discorro também sobre o ‘fazer’ da escrita a partir de uma prática artística autoficcional que relaciona imagem, palavra, lugar e deriva para inventar possibilidades de enunciação de posicionalidades poéticas e decoloniais.

## **A ilha fantasma**

Cheguei a Cork e juntei-me a um grupo de mulheres norte-americanas para participar de um workshop sobre escrita criativa e ancestralidade. O ano era 2014 e eu estava a meio caminho da minha pesquisa de doutorado, por meio da qual busquei tecer relações prático-teóricas entre escritas de vida, artes visuais, geografia e decolonialidade (AFONSO, 2016). Ao ser apresentada ao grupo com quem eu conviveria nos próximos dias, perguntei-me como poderia criar conexões tanto com o lugar onde estávamos quanto com as pessoas que participariam daquele workshop. Como única mulher sul-americana presente no grupo, senti de imediato as nossas diferenças, a começar pela língua. No entanto, procurei observar também o que poderíamos ter em comum, afinal éramos todas americanas e tínhamos um passado colonial, de uma forma ou de outra. Em meio a sensações de proximidade e distanciamento, tentei encontrar algo que pudesse nos ligar e, ao mesmo tempo, extrapolar nossas subjetividades, identidades, vínculos históricos e noções de pertencimento.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

Lancei-me a um exercício autobiogeográfico (RODRIGUES, 2017) e rascunhei algumas linhas sobre ser uma mulher branca e brasileira na Irlanda. Escrevi também sobre a estranheza de ser lida, vez por outra, como uma mulher latina não-necessariamente-branca e falante de espanhol (ao invés de português). Procurei refletir sobre o que significa ser brasileira na certidão de nascimento e portuguesa no passaporte. Perguntei-me, ainda, sobre o que eu deveria fazer com tudo aquilo que não cabe nessas duas identidades nacionais e que foi sendo (des)aprendido de geração em geração, tanto do lado paterno (português)<sup>2</sup> quanto do lado materno (brasileiro)<sup>3</sup>. Ao final do exercício, percebi que eu sabia muito pouco sobre as minhas origens. O que eu tinha comigo eram apenas fragmentos de histórias de família, narrativas truncadas, inacabadas e alojadas não apenas nas extensões de mar percorridas pelo meu pai, mas sobretudo nos abismos oceânicos<sup>4</sup> (GLISSANT, 2014; GLISSANT, 2010) que caracterizam os silêncios e apagamentos que constituem a família de minha mãe. Essas histórias ora me iludem e encantam, ora me frustram e confundem, pois ficam inacessíveis. Transformam-se, então, em perguntas sem respostas e em lugares de não-chegar.

Durante esse exercício autobiogeográfico, pensei-me também como artista, professora e pesquisadora em movimento, atravessadora de fronteiras, pois costumo ir das artes visuais à literatura, à geografia e aos estudos decoloniais. Em meio a esses trânsitos, inspiro-me no apreço demonstrado por Édouard Glissant (ÉDOUARD, 2010) pelas passagens ‘entrebordas’, sejam elas as bordas do conhecimento, das identidades ou dos países. Glissant destaca a potência poética, política, pedagógica e estética dos movimentos ‘entrelhas’, do pensamento arquipelágico e das paisagens que são “personagens de nossas narrações” e “reveladores de nossas poéticas” (GLISSANT, 2014, p. 99). Percebo, então, uma ‘epistemologia das passagens’ capaz de gerar pluriversos complexos e circular saberes que nem sempre podem ser acessados a partir dos locais delimitados por bordas disciplinares mais estáveis, por mais permeáveis que sejam.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

Finalizada essa etapa autobiogeográfica, fui até a biblioteca da Universidade de Cork<sup>5</sup> para encontrar pistas sobre possíveis começos para uma escrita que fizesse sentido no contexto do workshop. Como eu poderia articular um pensamento sobre origens ou ancestralidade num país-ilha como a Irlanda? Ao folhear livros repletos de narrativas imperiais e marítimas sobre conquistas e conquistadores, lembrei-me de uma história que havia ouvido anos antes a respeito de uma ilha fantasma chamada *Hy-Brazil*. Delimitei aí o foco da minha pesquisa e, para minha surpresa, descobri que eu estava precisamente na região onde a lenda havia surgido. Pela coincidência (se é que elas existem) e pela similaridade do nome da ilha fantasma com o nome do país onde nasci, pensei que talvez pudesse encontrar aí alguma conexão para uma boa história e, assim, para uma proposta artística.

*Hy-Brazil* é um mito celta sobre uma ilha fantasma que aparece apenas por um dia a cada sete anos. Considerada uma espécie de éden para marinheiros, piratas e mercenários, *Hy-Brazil* é descrita como “ilha encantada e submersa, com montanhas, pastos verdejantes cheios de ovelhas e cidades reluzentes”<sup>6</sup> (JOHNSON, 1996, p. 113, tradução nossa). De acordo com Johnson (1996), a ilha começou a aparecer em mapas por volta de 1325, tendo desaparecido dos registros cartográficos em meados de 1865, coincidindo com o período das navegações portuguesas, espanholas, inglesas, francesas e holandesas que devastaram povos e terras através do Atlântico.

O nome *Hy-Brazil* tem origem incerta. Pode estar associado à palavra *breas*, que em gaélico antigo significa nobre, príncipe ou afortunado. Uma outra possibilidade é estar vinculado ao sobrenome de um dos primeiros missionários cristãos da Irlanda, Santo Bresal, ou ainda à lenda de Gaillimh inion Breasail, princesa ou deusa mítica que se afogou no rio de Galway (CANTARINO, 2004; FREITAG, 2013; JOHNSON, 1996; MITCHELL, 2006).

Conta-se, também, que a palavra ‘brasil’ foi usada a partir do século XV por invasores portugueses para nomear plantas que produziam pigmento vermelho e

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

eram nativas das ‘Américas’. Supostamente, é nesse contexto que tal palavra teria dado origem ao nome do país Brasil em meio a um processo de renomeação de terras e gentes como estratégia de colonização e apagamento dos mundos que ali existiam. Porém, Roger Casement – diplomata, ativista, poeta e nacionalista irlandês que viveu no Brasil entre 1906 e 1911 – afirma que essa história não é o bastante para explicar o nome do país, pois “as origens irlandesas do Brasil foram deixadas de fora dos livros de história”<sup>7</sup> (MITCHELL, 2006, p. 158, tradução nossa) e uma “interpretação anglo-saxã da história obscureceu e corrompeu a história enraizada numa origem irlandesa mais antiga”<sup>8</sup> (MITCHELL, 2006, p. 158, tradução nossa). No período em que Casement viveu em Belém do Pará, ele analisou os impactos das visões ortodoxas de alguns historiadores sobre as narrativas de ‘descobrimento’ que iam sendo produzidas e oficializadas. Destacou, ainda, que houve uma recusa em se admitir a “influência irlandesa na cultura atlântica devido à ignorância quanto à língua irlandesa e à negação de uma fonte de conhecimento mais antiga e mística”<sup>9</sup> (MITCHELL, 2006, p. 158, tradução nossa). Mais de cem anos se passaram desde então e ainda há muito a ser investigado sobre as conexões entre o mundo Atlântico e a Irlanda (JENKINS, OTTO, 2018). Enquanto isso, para fins artísticos, decidi considerar a origem do nome Brasil como um ponto oscilante situado na confluência das narrativas e contranarrativas da história, das histórias e dos mitos.

De acordo com Johnson (1996, p. 113, tradução nossa), “nenhuma outra ilha fantasma no Atlântico é camuflada com tantas identidades como *Hy-Brazil*”<sup>10</sup>. O autor destaca a multiplicidade de nomes gaélicos conectados à lenda, tais como: Terra sob a Onda (*Tír fo-Thuin*), Reino da Verdade (*Magh Mell*), Ilha da Vida (*Hy na-Beatha*), Terra da Virtude (*Tír na-m-Buadha*), Terra da Juventude (*Tír na nÓg*), dentre outros. Johnson (1996) ressalta ainda que algumas variantes como *Ysole Brazil*, *Bracir* e *Hy Breasail* são as mais comuns em mapas dos séculos XIV e XV.

Além da variedade de nomes, *Hy-Brazil* possui várias localizações, podendo aparecer mais de uma vez no mesmo mapa e em lugares para além da costa oeste da Irlanda (Johnson, 1996). No entanto, a pesquisadora Barbara Freitag (2013)

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

destaca que tal multiplicidade pode ser fruto de erros cartográficos e de impressão cometidos na época. Mesmo assim, optei por focar a atenção nas palavras de Johnson (1996) a fim de desenvolver meu projeto artístico no workshop, pois o autor investe mais na imaginação e sugere que para se ter uma melhor noção sobre *Hy-Brazil* é preciso aproximar e combinar suas múltiplas identidades, localizações e narrativas. As certezas históricas e geográficas, segundo ele, não são o suficiente para abarcar a complexidade identitária dessa ilha fantasma (JOHNSON, 1996).

Quanto à forma da ilha em mapas antigos, ela aparece ora como duas porções irregulares de terra (Figura 1), ora como um círculo dividido ao meio por uma faixa (Figura 2). Em algumas histórias, essa faixa representa um rio que corre de leste para oeste.



Figura 1. Gerardi Mercatoris and Rumoldi Mercatoris, Europa ad magnae Europae map, 1630. Detalhe de Hy-Brazil e Irlanda. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des manuscrits, domínio público.

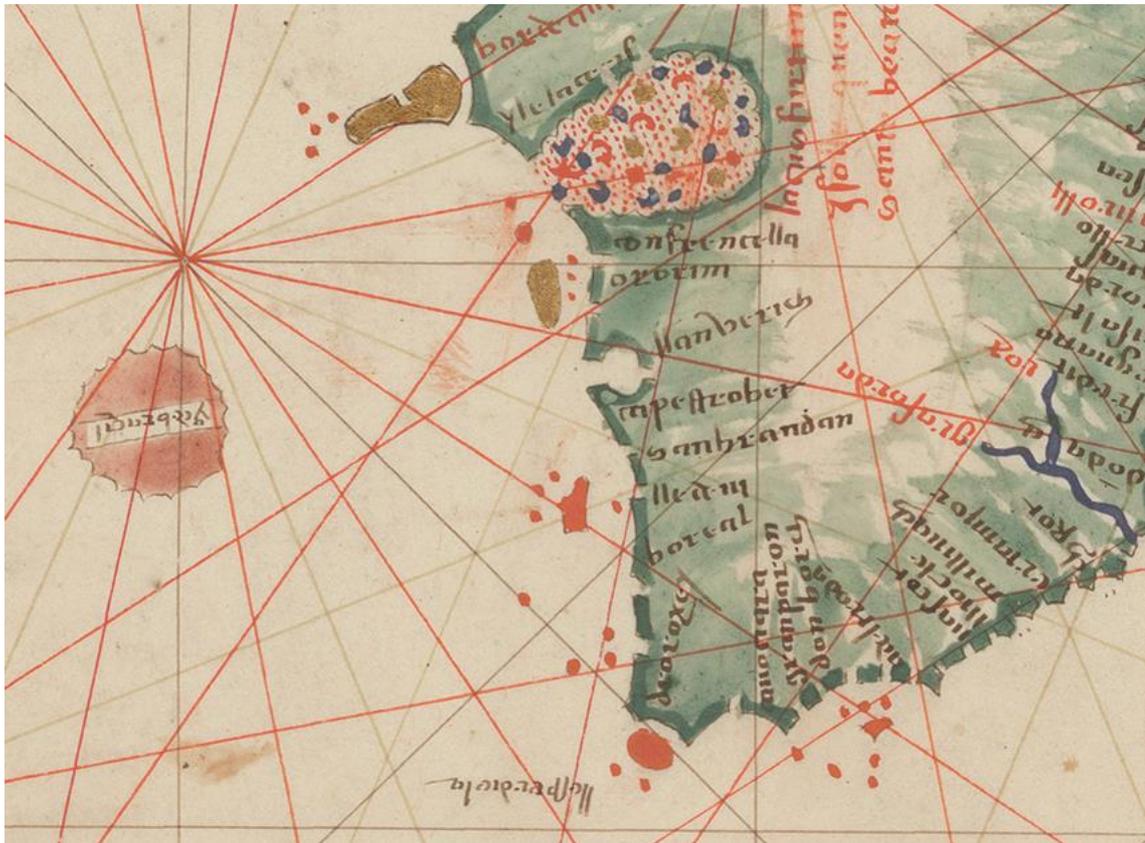


Figura 2. Portulano italiano, Atlas de cartes marines de la Méditerranée et de la mer Noire, 1470-1482. Detalhe de Hy-Brazil e Irlanda. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits, domínio público.

### Distorções em meio à neblina

Após dois dias de atividades de leitura e escrita na Universidade de Cork, nosso grupo deixou a cidade em direção à Glengarriff, vila com 138 habitantes<sup>11</sup> localizada na península de Beara, a noventa quilômetros de Cork. Chegando lá, buscamos ouvir histórias locais, escrever e fazer caminhadas de reconhecimento da área. A partir das derivas compreendi melhor como eu poderia articular narrativas sobre 'origens' naquele lugar e, ao mesmo tempo, considerar as posicionalidades percebidas durante os exercícios autobiogeográficos que havia feito desde a minha chegada na Irlanda.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

Numa das saídas em grupo, conhecemos *Dereenataggart*, um círculo de rochas megalíticas datado da Idade do Bronze. Ao explorar o local, reparei que no centro do círculo havia uma forma similar à representação de *Hy-Brazil* que encontrei em mapas antigos (Figura 3).



Figura 3. *Dereenataggart*, Península de Beara, Irlanda, 2014.  
Fotografia digital. Fonte: Arquivo pessoal.

Perguntei ao nosso guia se ele teria detalhes sobre aquela pedra, mas a sua resposta apenas sinalizou que os visitantes costumam fazer pedidos e deixar pequenos objetos na sua fenda, transformando-a em ‘pedra dos desejos’. Fiquei intrigada com a coincidência formal entre a ilha fantasma e a rocha megalítica. Pensei também no quão interessante pode se tornar a palavra ‘desejo’ no contexto da criação de relações entre lenda, pré-história, autobiografia, visualidade e ficção, uma vez que o devir inerente aos processos de criação está intimamente relacionado com os próprios processos do desejo. Absorta em pensamentos, refleti ainda sobre os aspectos ficcionais, simbólicos e falaciosos das minhas identidades brasileira e portuguesa. Tive, então, um *insight* e notei que a forma circular da ilha fantasma nos mapas e da rocha megalítica situada no meio do sítio sagrado era similar à forma que se encontra no centro da bandeira brasileira (Figura 4).



Figura 4. Bandeira do Brasil, 2014. Fonte: Governo brasileiro.

Aos residentes locais lancei novas perguntas sobre as ligações que eu havia feito entre *Hy-Brazil*, *Dereenataggart* e a bandeira do Brasil<sup>12</sup>. As pessoas não sabiam o que responder, apenas se mostravam tão maravilhadas quanto eu.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.



Como artista visual, defini as quatro etapas que delineariam meu *modus operandi* de escritora naquele workshop: a) caminhar por Cork e Glengarriff para extrair narrativas das experiências de deslocamento (EVANS, 2012; VISCONTI, 2014); b) inserir textos na paisagem a partir dos lugares mais significativos surgidos durante as derivas (Figura 6); c) fotografar os textos inseridos na paisagem; d) escrever a partir da criação de relações entre lugar, texto e imagem. É importante destacar aqui, brevemente, a diferença entre espaço, lugar e paisagem: “Espaço define paisagem, enquanto espaço combinado com memória define lugar. A experiência espacial da paisagem pode ser impressionante porque evoca um lugar conhecido ou, por outro lado, porque ela é totalmente estranha” (LIPPARD, 1997, p. 9, tradução nossa)<sup>13</sup>.



Figura 6. *Writing-making process*, 2014. Deriva; Textos feitos com máquina de etiquetas autocolantes; Adição de textos à paisagem; Fotografia digital. Fonte: Arquivo pessoal.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

Sendo assim, o processo de escrita do livro *Since I Left* se deu em dois momentos principais: primeiro, por adição de textos à paisagem durante as derivas e, depois, pelo registro fotográfico desses textos que, somados à paisagem, fundaram lugares de ampliação dos sentidos e das formas de recepção da narrativa. Chamo esse processo de escrita de *writing-making*, termo criado com base na expressão em inglês *art-making* utilizada para nos referirmos a produções artísticas no campo das artes plásticas e/ou visuais. Ao usar o termo *writing-making*, reivindico o lugar de escritora que ‘faz’ o texto a partir de um projeto poético em artes visuais. Escrevo, portanto, por meio de uma prática artística que busca relacionar imagem, palavra, lugar, paisagem e deriva, ao mesmo tempo em que me aproprio de gêneros literários autobiográficos para dar forma à narrativa que emerge das poéticas artísticas e dos processos de criação em jogo. O termo *writing-making* também tem servido como chave articuladora de um pensamento crítico sobre os limites do termo ‘visuais’ no que diz respeito às práticas em artes visuais, antropologia visual, narrativas visuais e *visual autobiography* (WONG, 2018; SMITH, WATSON, 2010), por exemplo. Essa não é uma questão nova, mas tenho me demorado aí porque estou interessada nos ‘entrelugares’ originados pelas poéticas artísticas contemporâneas que apontam, com frequência, para a insuficiência de categorias isoladas como ‘texto’, ‘imagem’ ou ‘visualidades’ no contexto das experimentações intermediárias presentes na arte há décadas.

Quanto ao gênero literário, o que mais inspirou a produção do livro de artista *Since I Left* foi a autoficção (WONG, 2018; FAEDRICH, 2015; SMITH, WATSON, 2010; LEJEUNE, 2008). Para a escrita do livro, também revisei a experiência da partida da minha cidade natal, ocorrida em 2003. Percebi que, ao tentar regressar pela primeira vez para o lugar onde nasci, deparei-me com inúmeras distorções e constatei que a origem é um lugar borrado, impreciso, ficcional e muitas vezes inacessível (CAMNITZER, 2009). Wong (2018) chama a atenção para as dinâmicas desse lugar em fluxo, pois elas impactam nossas histórias de vida: “uma história de vida, como é bem sabido nos estudos autobiográficos e por qualquer um que tenha

tentado formular uma, é toda processo e fluxo, nunca fixa e estável”<sup>14</sup> (WONG, 2018, p. 132, tradução nossa).

Em *Since I Left* (Figura 7), uma autoficção que se espelha numa história de vida sobre a partida, uma mulher vaga em busca de sua ilha-natal, não como um navegante, mercador ou conquistador interessado em expedições de colonização em prol da glória de uma pátria. Nessa história, a mulher se lança ao mar com um olho no horizonte (que se abre ao futuro) e o outro nos abismos oceânicos (que ocultam apagamentos e traumas transgeracionais). Em estado constante de busca e errância, ela vai se movendo entre extensões e profundezas, vagando e errando (em todos os sentidos) pelos caminhos impossíveis do retorno à origem (Figura 8).

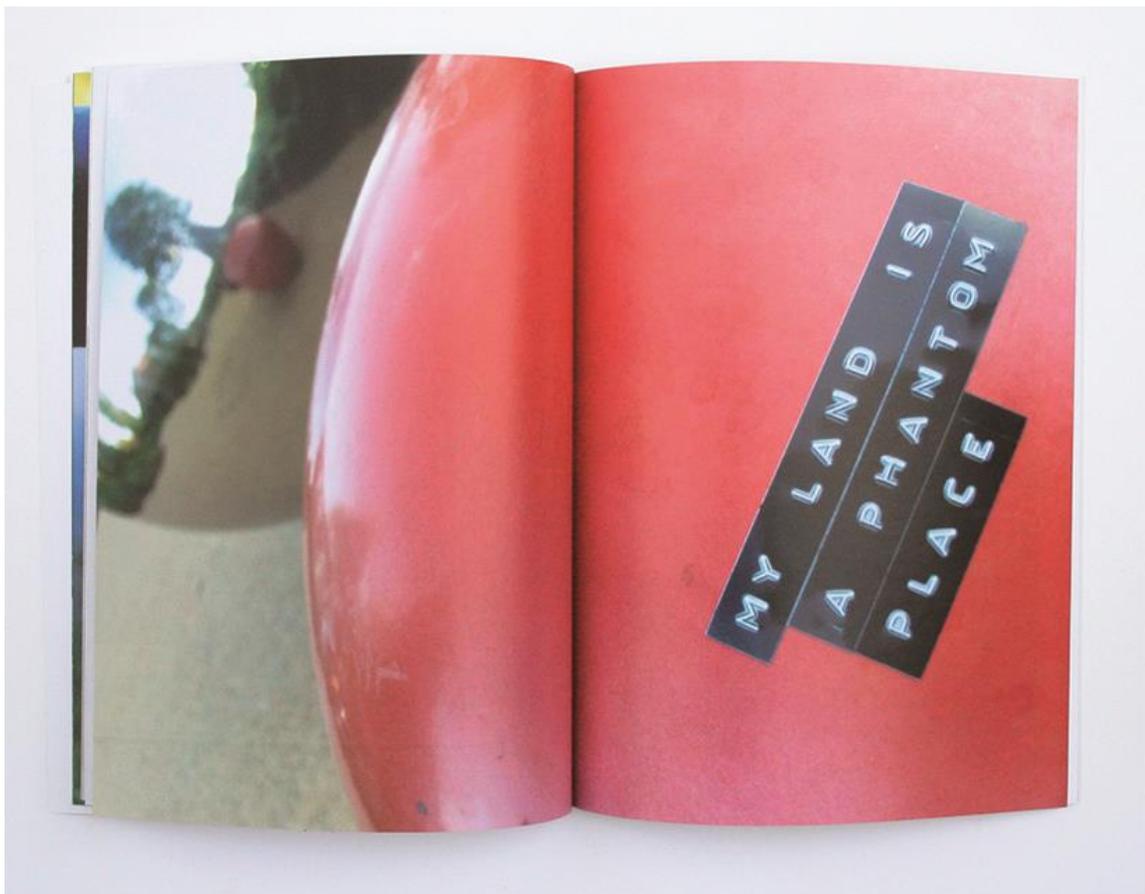


Figura 7. *Since I Left*, 2014. Livro de Artista, 28 x 21,5 cm, edição única. Fonte: Arquivo pessoal.

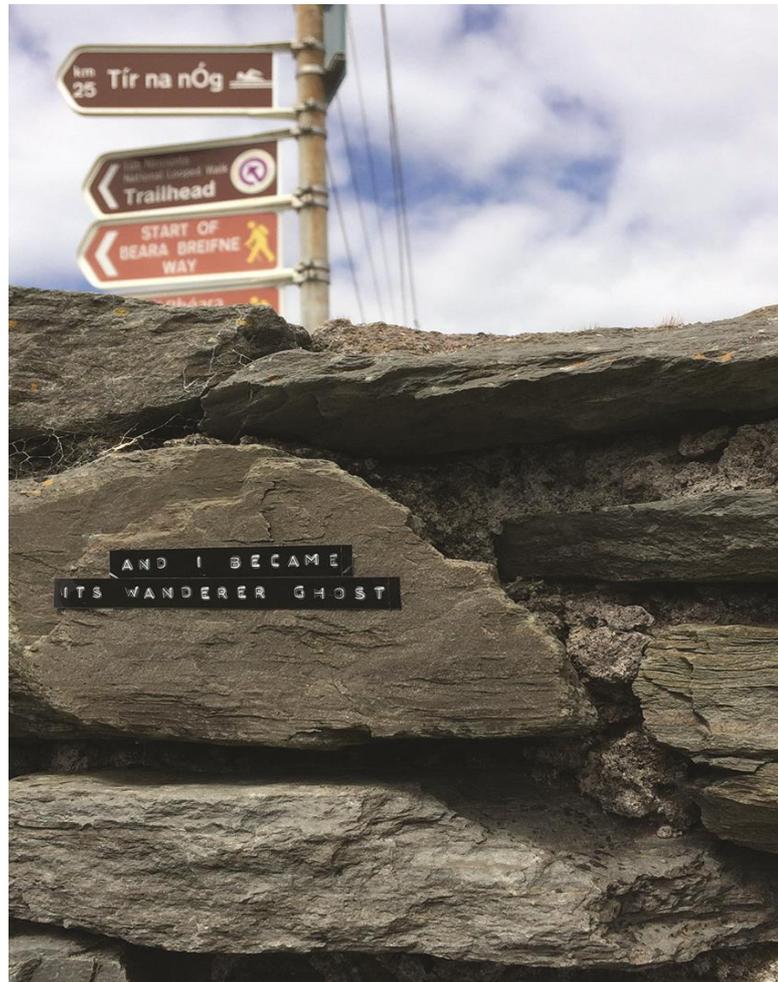


Figura 8. *Since I Left*, 2014. Livro de Artista, 28 x 21,5 cm, edição única. Fonte: Arquivo pessoal.

Consciente de que a origem é uma invenção (BORGES, 2004), a mulher passa a imaginar inúmeras formas de nunca chegar, pois compreendeu que é nos deslocamentos que perduram os vestígios autobiográficos que mais a aproximam da sua ilha-natal. “Você só pode procurar por suas raízes através da poesia e do conhecimento”<sup>15</sup>, ensina Glissant (ÉDOUARD, 2010, tradução nossa). A arte, nesse contexto, oferece métodos e meios de saber e saber-se, abrindo outros caminhos de acesso à história e às histórias. Assim, reforça a importância da política do lugar, das autobiogeografias que valorizam as posicionalidades dos sujeitos e da história-no-plural, uma vez que “[...] as histórias associadas a lugares específicos fazem visíveis e audíveis aqueles que se foram, trazendo os que partiram à consciência

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

daqueles que estão no presente, resultando numa matriz multitemporal onde o passado e o presente se misturam” (WONG, 2018, p. 62, tradução nossa)<sup>16</sup>.

### **Ex-ilha**

Exílio, de acordo com Edward Said (2000), é um estado descontínuo de existência, uma solidão experienciada por aquelas e aqueles que deixam seu aparentemente bem delimitado – mas nem sempre confortável – lugar de identidade. Uma identidade nacional é frequentemente construída e reforçada por estereótipos e elementos simbólicos que buscam homogeneizar e cristalizar aspectos culturais e identitários com a finalidade de manter poderes e a coesão de determinados grupos.

Ao deixar *Hy-Brazil*, a mulher em *Since I Left* experimenta a fragmentação de sua identidade e passa a questionar o que significa de fato ‘ser’ *Hy-Brazilian*. À medida que ela se afasta da ilha, sua pergunta também vai desaparecendo em meio à neblina. Ao experimentar essa desidentificação, a mulher se desvincula dos estereótipos ligados à ideia de origem que são, em grande parte, resultados da combinação de noções e imagens identitárias distorcidas. Ao discorrer sobre o eurocentrismo e a experiência histórica na América Latina, Quijano (2005) chama a atenção para as consequências das distorções resultantes dos processos de colonização nas Américas:

Aplicada de maneira específica à experiência histórica latino-americana, a perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos tão profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida. Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida. (QUIJANO, 2005, p. 129).

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

Ao final da história, em *Since I Left*, a mulher sem nome se 'ex-ilha' e diz: "*Since I left paradise/ colors and lights are shining inside*"<sup>17</sup> (RODRIGUES, 2014, p. 32). Ao mesmo tempo, ela se identifica mais e mais com a ilha fantasma, pois também passa a acumular vários nomes e localizações à medida que se move no mundo e aprende com as passagens de um lugar a outro.

### Seguindo viagem

No último dia em Cork, antes de pegar o voo, saí em busca de uma *moonstone*. De acordo com a velha senhora contadora de histórias que conheci em Glengarriff, essa é a pedra do dia do meu nascimento. Foi ao buscar pela pedra da minha vinda ao mundo, já no final da estada na Irlanda, que vi *Hy-Brazil* emergir da neblina (Figura 9). Por entre brumas, avistei um dia inteiro da minha infância vivida na ilha (Figura 10). Fixei a atenção naquele momento até que a cena desaparecesse. Depois, segui viagem: um olho no horizonte e o outro nos abismos.



Figura 9. *Hy-Brazil*, Irlanda, 2014. *Moonstone*. Fonte: Arquivo pessoal.

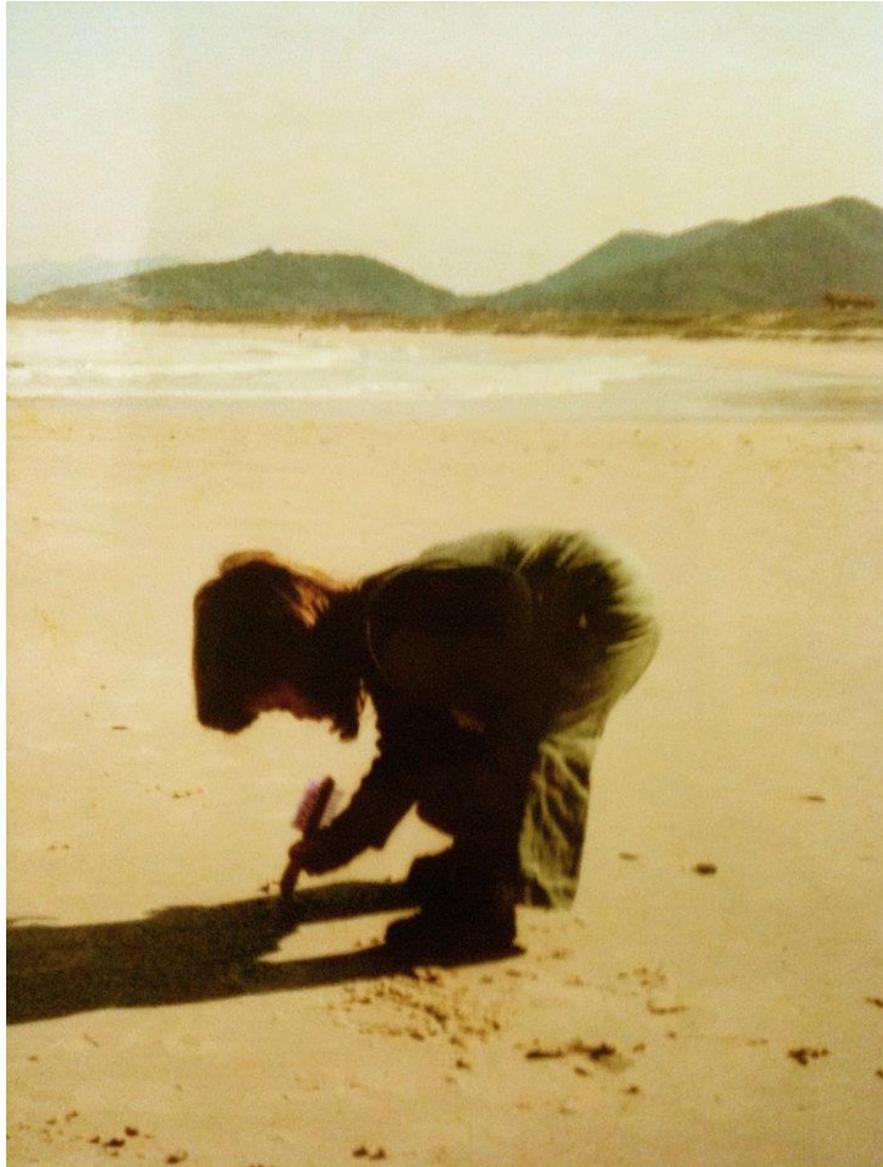


Figura 10. Infância na ilha, verão de 1978. Santa Catarina. Fotografia 35 mm.  
Fonte: Arquivo pessoal. Foto por Armando dos Anjos Afonso.

## Notas

<sup>1</sup> [www.vignettesverses.com](http://www.vignettesverses.com)

<sup>2</sup> Meu pai nasceu em Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, no extremo norte de Portugal. Imigrou para o Brasil aos 14 anos de idade. Pelo lado paterno, temos uma suposta ascendência judaica a ser investigada.

<sup>3</sup> Minha mãe nasceu em Bom Jardim, sudeste paranaense. Sua família é descendente de indígenas (provavelmente da etnia Kaingang), dentre outras matrizes ancestrais que desconhecemos. Pouco sabemos sobre a nossa ascendência materna até o presente momento, pois tem se mostrado um lugar de difícil acesso.

<sup>4</sup> Recorro a Édouard Glissant para refletir sobre o mar como elemento importante na constituição das histórias da minha família: de um lado há o mar em sua extensão (o pai), do outro estão as suas profundezas (a mãe). Glissant pontua essa diferença e demonstra o quanto significativas podem ser as mudanças no teor das narrativas produzidas a partir de cada um desses lugares de fala: “Um dia, no Brasil, por ocasião de um colóquio sobre ‘A

Latinidade e a Americanidade', um dos participantes proclamou que o mar foi a via real do Ocidente. Do Ocidente sim, talvez, mas não de nós outros, que tivemos tanta dificuldade e gastamos tanto tempo para descobrir que muitos entre nossos ascendentes foram vítimas do Tráfico nos porões dos navios negreiros, jogados no oceano, grilhões nos pés. E assim, desde esse começo tão longínquo, tão frequentemente esquecido, o mar é para nós uma profundidade, antes de ser uma extensão. Instintivamente, lemos no fundo invisível dos oceanos essa pista inconcebível. E hoje, ela engolfa frequentemente o povo dos barcos de imigração selvagem" (GLISSANT, 2014, p. 97).

<sup>5</sup> <https://www.ucc.ie/>

<sup>6</sup> "enchanted sunken island with mountains, verdant pastures filled with sheep, and gleaming cities" (JOHNSON, 1996, p. 113).

<sup>7</sup> "the Irish origins of Brazil had been written out of the history books" (MITCHELL, 2006, p. 158).

<sup>8</sup> "Anglo-Saxon interpretation of history had obscured and corrupted the history rooted in a more ancient Irish origin" (MITCHELL, 2006, p. 158).

<sup>9</sup> "Irish influence in Atlantic culture through their ignorance of the Irish language and their denial of a more ancient and mystical source of knowledge" (MITCHELL, 2006, p. 158).

<sup>10</sup> "no other phantom island in the Atlantic is cloaked in so many identities as Hy-Brazil" (JOHNSON, 1996, p. 113).

<sup>11</sup> Número de habitantes de acordo com o Censo de 2016:

[http://census.cso.ie/sapmap2016/Results.aspx?Geog\\_Type=ST2016&Geog\\_Code=4E65E53B-93F5-4F3A-B49C-8A1A90CC9623](http://census.cso.ie/sapmap2016/Results.aspx?Geog_Type=ST2016&Geog_Code=4E65E53B-93F5-4F3A-B49C-8A1A90CC9623)

<sup>12</sup> A história da origem da bandeira brasileira revela a presença da esfera armilar nas bandeiras do período da colonização desde o século XV, o que pode explicar a permanência da figura do círculo na bandeira brasileira atual. No entanto, como mencionado anteriormente, para fins narrativos e poéticos não descarto as sincronicidades e os encontros inusitados, pois se transformam em estímulo para meus processos de criação e narração.

<sup>13</sup> "Space defines landscape, where space combined with memory defines place. The spatial experience of a landscape can be impressive because it evokes a known place or, on the other hand, because it is so totally unfamiliar" (LIPPARD, 1997, p. 9).

<sup>14</sup> "A life story, as is well known in autobiography studies and by anyone who has attempted to formulate one, is all process and flux, never fixed and stable" (WONG, 2018, p. 132),

<sup>15</sup> "You can only search for your roots through poetry or knowledge" (ÉDOUARD, 2010, legendado em inglês).

<sup>16</sup> "[...] the stories associated with specific places make visible and audible those who have gone before, bringing the departed ones into the consciousness of those in the present, resulting in a multitemporal matrix in which past and present intermingle" (WONG, 2018, p. 62).

<sup>17</sup> Desde que deixei o paraíso, cores e luzes estão brilhando aqui dentro (RODRIGUES, 2014, p. 32, tradução nossa).

## Referências

AFONSO, Manoela dos Anjos. **Language and place in the life of Brazilian women in London: writing life narratives through art practice**. Orientador: David Cross. 2016. 262 f. Tese (Doctor of Philosophy in Arts) - Chelsea College of Arts, University of the Arts London, Londres, 2016. Versões impressa e eletrônica.

BORGES, Kassia Valeria de Oliveira. Utopia e fantasma. **Revista Porto Arte**, Porto Alegre, v. 1, n. 21, p. 77-84, jul./nov. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27893/16499>. Acesso em: 1 jun. 2019.

CAMNITZER, Luis. **On art, artists, Latin America, and other utopias**. United States of America: University of Texas Press, 2009.

CANTARINO, Geraldo. **Uma ilha chamada Brasil: o paraíso irlandês no passado brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

**ÉDOUARD Glissant:** one world in relation. Direção: Manthia Diawara. Produção: K'a Yéléma. New York: Third World Newsreel, 2010. 1 DVD (48 min), son., color. Legendado. Inglês.

EVANS, David (ed.). **The art of walking:** a field guide. London: Black Dog Publishing, 2012.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547>. Acesso em: 1 jun. 2019.

FREITAG, Barbara. **Hy Brasil:** the metamorphosis of an island, from cartographic error to Celtic Elysium. New York: Rodopi, 2013.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento do tremor:** la cohée du lamentin. Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

GLISSANT, Édouard. **Poetics of relation.** USA: The University of Michigan Press, 2010.

JENKINS, Lee M.; OTTO, Melanie. The ocean in us: Irish-Caribbean connections. **Caribbean Quarterly:** a journal of Caribbean culture. Kingston, Jamaica, v. 64, n. 3 e 4, p. 377-391, 2018.

JOHNSON, Donald S. **Phantom island of the Atlantic:** the legends of seven islands that never were. London: Souvenir Press, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rosseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIPPARD, Lucy R. **The lure of the local:** senses of place in a multicentered society. New York: The New Press, 1997.

MITCHELL, Angus West. Roger Casement's Hy-Brasil: Irish origins of Brazil, *In:* MURRAY, Edmundo (ed.). **Irish Migration Studies in Latin America**, Suíça, v. 4, n. 3, p. 157-165, 2006. Disponível em: <http://www.irlandeses.org/0607.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In:* LANDER, Edgardo (org.) **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, pp. 117-142. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 1 jun. 2019.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Since I left.** 2014. Livro de Artista, 28 x 21,5 cm, edição única. Arquivo Pessoal.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia como metodologia decolonial, *In:* ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26, Memórias e Invenções, 2017, Campinas. **Anais [...]** Campinas: ANPAP/Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3148-3163.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Desde que parti: das ilhas aos abismos e horizontes, *In:* ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. **Anais [...]** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1670-1689.

SAID, Edward. Invention, memory, and place. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 26, n. 2, p. 175-192, 2000. Disponível em:  
<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/448963?mobileUi=0&>. Acesso em: 1 jun. 2019.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. **Reading autobiography**: a guide for interpreting life narratives, 2 ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas derivas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

WONG, Hertha D. Sweet. **Picturing identity**: contemporary American autobiography in image and text. USA: The University of North Carolina Press, 2018.

### **Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues**

PhD em Artes pelo Chelsea College of Arts, University of the Arts London (CCW/UAL). Professora Adjunto da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG, vinculada à linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA), onde atua na linha de pesquisa Autobiografia e Decolonialidade nas Práticas Artísticas Contemporâneas. Coordenadora do Grupo de Estudos de Metodologias, Métodos e Abordagens da Pesquisa em Arte (GEMMA). Contato: manoelaafonso@ufg.br.